

COLUNA

NANÃ BURUKÊ NA LAMA: A NAÇÃO DO MANGUE QUE SUSTENTA O BRASIL NO SAMBA-ENREDO DA GRANDE RIO

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹
Eliezer Gonçalves Cordeiro²

A Grande Rio, em 2026, resolveu desfilar um jeito de viver. Com o enredo “A nação do manguê”, a escola constrói uma ponte viscosa — dessas que não são de concreto, mas de lama, trabalho e sobrevivência — ligando as periferias do Nordeste às periferias da Baixada Fluminense. Não é turismo social. É espelhamento. O manguê aparece como território simbólico poderoso: lugar onde a água doce encontra a salgada, onde nada é puro, mas tudo é fértil. E não é por acaso que dele vivem catadores de caranguejo, pescadores, marisqueiras, lavadeiras. Gente que trabalha com o corpo inteiro, que conhece o tempo da maré melhor do que muito relógio de gabinete. O manguê é economia, cultura, resistência e ciência prática — dessas que não viram gráfico, mas sustentam cidades inteiras. A gente olha para a cidade de Duque de Caxias – e muitas da Baixada Fluminense - e logo pensa naquela agitação toda, nas indústrias, no vai e vem. Mas será que você já parou para pensar no que tem debaixo (e ao redor) de tudo isso? Pois é, me preparem para

¹ Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Professor Substituto na UERJ; Mestrando em Educação na UFRRJ.

uma viagem inusitada, porque a história mais antiga e fascinante da região se passa num lugar que é pura resiliência: o mangue!

Pois bem, a Baixada Fluminense, onde nossa Caxias está firme e forte, esconde um tesouro ecológico que muita gente nem sonha. O litoral do Sudeste tem só uma migalha dos manguezais do Brasil, uns 5%, e uma boa parte desse bolo está bem aqui no fundo da Baía de Guanabara, abraçando terras de Caxias, Magé e Guapimirim. Esses manguezais são os guardiões mais antigos da nossa costa, uma verdadeira fortaleza natural que já desafiou expedições desde os tempos dos descobridores. Hoje em dia, os pedacinhos mais preservados estão na Área de Proteção Ambiental de Guapimirim, mas dá para encontrar manchas verdes (ou melhor, marrons) pela divisa de Caxias com Magé, principalmente onde os rios Estrela, Inhomirim e Iguaçu desaguam. E esse ecossistema pantanoso não é só uma paisagem diferente não. Ele é o berçário, o restaurante e o hotel cinco estrelas para uma galera incrível: peixes, aves migratórias, moluscos e, claro, os caranguejos, que são quase os mascotes do lugar! Só que essa relação da cidade com o mangue não foi sempre um mar de rosas (ou de lama saudável). Por séculos, as pessoas que viviam por aqui, desde os povos dos Sambaquis, dependiam do mangue para pescar e catar o seu sustento. Com o tempo, a exploração começou e a madeira resistente do mangue virou lenha e material de construção.

Aí veio um capítulo bem triste, que marcou a história da região. Lembra do ano 2000? Enquanto o mundo temia o bug do milênio, a gente aqui enfrentou um desastre de verdade. Um duto da refinaria REDUC, que fica em Caxias, rompeu e despejou na Baía de Guanabara uma enxurrada de 1,3 milhão de litros de óleo! O estrago foi gigantesco, principalmente nessas áreas do "fundo da baía", e foi um baque tão grande que mudou para sempre a vida dos pescadores da região. Hoje, o grande vilão tem outro nome: lixo. Muito, muito lixo, especialmente plástico. Os rios e canais que cortam a cidade funcionam como esteiras rolantes, carregando tudo o que a gente descarta de forma errada direto para o mangue. Esse plástico vai se acumulando, sufocando as raízes das

plantas e virando uma armadilha mortal para os animais. É um problema urbano gigante que a natureza está pagando o preço.

Mas calma, que nem tudo está perdido! Duque de Caxias também é palco de iniciativas que dão esperança. Em 2019, por exemplo, o Museu Ciência e Vida, que é um dos pontos culturais mais legais da cidade, criou uma exposição sensacional chamada "Do Mangue ao Mar". A ideia foi genial: já que é difícil levar todo mundo para conhecer o mangue de perto, eles trouxeram o mangue para dentro do museu! Os visitantes podiam literalmente "entrar" por entre as raízes de um mangue vermelho e descobrir, de um jeito divertido e imersivo, toda a importância e a beleza daquele mundo. E tem mais gente botando a mão na massa (ou na lama): projetos como o "Mangue Vivo", da Fundação OndAzul, atuam na divisa com Magé replantando e recuperando áreas que estavam degradadas.

Então é isso! A história de Duque de Caxias com o mangue é uma verdadeira novela, com capítulos de cooperação, exploração, tragédia e, agora, esperança de recuperação. Essa cidade da Baixada é muito mais do que aparenta. Ela guarda nas suas raízes lamacentas uma lição ecológica, um patrimônio que resiste e que precisa da nossa ajuda para continuar sendo o berçário da vida na baía. Que tal ficar de olho nessas iniciativas ou, quem sabe, dar uma passada no museu para conhecer melhor essa história? Vale a pena! Mas olha, se você assistir ao desfile da Grande Rio, provavelmente encontrará partes dessas histórias que contei nas alegorias e alas. Os catadores de caranguejo que entram no mangue de madrugada dialogam diretamente com os trabalhadores informais da Baixada que saem cedo, enfrentam lama, ônibus lotado e descaso. As lavadeiras nordestinas, com seu trabalho invisibilizado, ecoam as mulheres da Baixada que sustentam casas inteiras sem reconhecimento. A Grande Rio costura essas histórias sem hierarquia: ninguém é figurante quando o enredo é o cotidiano. E tem mais: o mangue também é estética e política. É dali que surgem movimentos culturais que transformam precariedade em linguagem, como o Manguebeat nos anos 1990. A lama vira símbolo de potência criativa. A Grande Rio entende isso e traz para a avenida

uma narrativa que diz, sem rodeios: periferia não é ausência de cultura, é excesso de invenção.

Ao conectar Nordeste e Baixada, o desfile desmonta a ideia de centro e margem. Mostra que a “nação do mangue” não tem capital oficial, mas tem memória compartilhada, ética do trabalho coletivo e identidade forjada na adversidade. Não é uma nação de bandeira; é de prática. Na Sapucaí, a Grande Rio promete um desfile que cheira a maré, soa a batida de vida e pisa firme na lama sem pedir desculpa. Porque o mangue ensina uma lição simples e poderosa: é no terreno instável que a vida mais insiste em florescer. E quando essa história entra na avenida, o carnaval deixa de ser espetáculo distante e vira reconhecimento. Agora, vamos à letra do samba?

*Lá vem caboclo, herdeiro de Zumbi
A nação está aqui
Não se curva ao poder
Escute, nossa gente vem da lama
Resistência que inflama
Quando toca o xequerê
Casa de gueto! Casa de gueto!
Nossa voz que não se cala
Batuque sem medo por direito, é o toque das alfaias
Eu também sou caranguejo à beira do igarapé
Gabiru trabalha cedo, cata o lixo da maré.*

*Manamauê maracatu
Saluba é Nanã, Yabá!
A vida parecida com as águas
Não é doce como o rio
Nem salgada feito o mar*

*A margem, já subiu para cidade
Entre tronco e cipó, rebeldia dá um nó
Pensamento popular*

*Gramacho encontrou Capibaribe
Num mundo livre, quero ver você cantar
Freire, ensine um país analfabeto
Que não entendeu o manifesto
Da consciência social
Chico, Manguebeat tá na rua
Caxias comprou a luta
E transforma em carnaval!
Respeite os tambores do meu Ilê

Respeite a cadência do meu ganzá
À frente, o estandarte do meu povo
Pra erguer um tempo novo que nos faz acreditar!

Eu sou do mangue, filho da periferia
Sobre uma palafita, Grande Rio anunciou
Ponta de lança e Daruê
Dobra o gonguê, a revolução já começou!

(Grande Rio, 2026)*